



## Interações entre Educação e Cultura: Perspectivas para a Inclusão<sup>1</sup>

Eixo 07 - Educação, Comunicação, Práticas Pedagógicas Inclusivas e desafios da acessibilidade

Viviane Bezerra de Lima<sup>2</sup>  
Ricardo Marques Nogueira Filho<sup>3</sup>  
Jacques Fernandes Santos<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo as interações entre educação e cultura, apresentando reflexões sobre como é possível utilizar esse encontro na construção de uma sociedade voltada para a inclusão. Para tanto, o estudo foi dividido em três partes: a primeira, apresenta a educação de forma plural, literalmente se encontrando de diferentes formas; na segunda, discute-se os conceitos de cultura apresentados em diferentes abordagens; e por fim, na terceira e última parte, os dois conceitos se encontram. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, fundamenta-se nas contribuições de Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Magda Soares, Zygmunt Bauman que abordam o tema em estudo. A partir das leituras e discussões trazidas, depreende-se que é preciso estabelecer um diálogo que tenha como foco a construção de uma educação inclusiva através da cultura. Dessa forma, percebe-se o quão poderosa é a cultura, que através da sua capacidade de interconexão é capaz de ajudar no processo de mudança da educação, que não somente reproduzirá, mas transformará as culturas existentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação e Cultura. Influência recíproca. Sociedade inclusiva. Educações.

### ABSTRACT

This article examines the interactions between education and culture, reflecting on how this intersection can be used to build a society focused on inclusion. To this end, the study was divided into three parts: the first presents education in a pluralistic way, literally encountering it in different forms; the second discusses the concepts of culture presented in different approaches; and finally, the third and final part discusses the two concepts. The research, qualitative and bibliographical in nature, is based on the contributions of Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Magda Soares, and Zygmunt Bauman, who address the topic under study.

<sup>1</sup> Os resultados deste artigo fazem parte da dissertação de mestrado da primeira autora, que está em desenvolvimento.

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semióticos. E-mail: vivianeblima.adv@gmail.com.

<sup>3</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes (UNIT). Docente Assistente B efetivo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Docente do Centro Universitário do Rio São Francisco – UNIRIOS; Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação PPGESA-UNEB. E-mail: rmfilho@uneb.br.

<sup>4</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT). Docente auxiliar na Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Coordenador pedagógico do programa Universidade Para Todos; Docente permanente e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação PPGESA-UNEB; Docente colaborador do programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação PPED-UNIT; Docente EBTT no Instituto Federal de Educação da Bahia - IFBA. E-mail: jafernandes@uneb.br.



Based on the readings and discussions presented, it is clear that a dialogue must be established focused on building inclusive education through culture. Thus, we can see the power of culture, which, through its capacity for interconnection, can aid in the process of educational change, which will not only reproduce but also transform existing cultures.

**KEYWORDS:** Education and Culture. Reciprocal influence. Inclusive society. Educations.

## 1 Introdução

As concepções acerca de cultura e educação fazem parte do processo desenvolvimento dos seres humanos. São elementos que contribuem para a formação humana em diferentes aspectos: na construção da identidade, do estilo de vida, padrões éticos e morais, entre outros. Dessa maneira, as discussões envolvendo inclusão e diversidade estão em evidência, e ao referir-se a essa temática, torna-se imprescindível uma análise crítica das interações entre educação e cultura.

A partir dessa premissa, um dos principais desafios na efetivação do direito a educação é o reconhecimento das diferenças como um fator favorável, o qual pode contribuir na formação e multiplicação dos saberes. Nesse sentido, as interações entre educação e cultura, dependendo da maneira como são trabalhadas e vivenciadas, podem ajudar nos processos de inclusão, através do reconhecimento e valorização das diferenças, sejam elas sociais, culturais, linguísticas ou étnicas. Do contrário, poderão dificultar e tornar ainda mais evidentes as desigualdades.

Assim, este estudo busca compreender e discutir os conceitos de educação e cultura trabalhados por diferentes autores, trazendo reflexões acerca do encontro desses dois campos, que se entrelaçam e contribuem para a formação dos seres humanos. Para além, mostra o estabelecimento desse processo mútuo e recíproco, na construção e reprodução dos saberes em uma sociedade pluralista.

Dessa maneira, evidencia-se a importância do presente estudo ao abordar e relacionar os conceitos de educação e cultura, apresentando reflexões acerca desses dois processos essenciais na vida humana. Ademais, a discussão serve de subsídio para o aprimoramento de práticas pedagógicas que consigam tirar o máximo de proveito dessa interação necessária, recíproca e, ao mesmo tempo, central para a inclusão e formação dos indivíduos.

Com a intenção de responder ao problema de pesquisa levantado e atingir os objetivos propostos, foram realizadas pesquisas em obras clássicas e contemporâneas acerca do tema. Assim, foi realizada a leitura de obras específicas dos autores Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Magda Soares e Zygmunt Bauman.



Consequente a leitura, a pesquisa foi estruturada em três partes. A primeira, apresentando a educação de forma plural e literalmente em suas muitas formas; a segunda, discute-se os conceitos de cultura apresentados em diferentes abordagens teóricas; e a terceira traz a discussão correlacionada dos dois conceitos.

## 2 Educações

Para começar, torna-se necessário esclarecer a escolha em intitular o tópico apenas com um signo linguístico, qual seja, a palavra educação flexionada no plural. O escritor e professor Carlos Rodrigues Brandão, em sua obra “O que é Educação” (2002), fundamenta-se na ideia da educação em diversos contextos: familiar, comunitário, espaços religiosos, entre outros. O autor pontua que a educação é um processo contínuo, onde as pessoas se educam e são educadas sucessivamente.

Dessa maneira, compreender as múltiplas formas que a educação pode se apresentar é fundamental. Mais que isso, deve-se entender as diferentes configurações que esse processo pode assumir, dependendo do contexto que em está inserido. A educação é plural. Como exemplo, é possível analisar a classificação comumente utilizada: informal, não formal e formal.

Para uma melhor reflexão desses sentidos foi utilizada a obra “O que é educação?”, de Carlos Rodrigues Brandão, onde o autor pontua que a educação existe em mundos diversos “entre formas, modalidades e ritmos diferentes. [...] Ela é uma e múltipla ao mesmo tempo em e entre tipos diferenciados de sociedades e de culturas” (Brandão, 2002, p. 07). Nesse sentido, pode assumir diferentes formatos, métodos e abordagens. Ademais, a aprendizagem pode se desenvolver em velocidades distintas.

Na obra, o autor apresenta a evolução de educação e explica que em todas as regiões do mundo, primeiro a educação existe no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, sobrinho-irmão-da-mãe, irmão-mais-velho-irmão-caçula, e assim por diante. Em seguida, a educação pode se expandir e existir entre educadores-educandos não parentes, vivenciada em conjunto com a comunidade. E mais adiante, se torna um modelo institucionalizado e predefinido.

Ao tratar da educação informal e não formal, o autor explica que a educação está difusa em todos os campos sociais: da família a comunidade. “Lá está ela, primeiro sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas” (Brandão, 2002, p. 08). Com essa aprendizagem ocorrendo em diferentes estruturas e práticas. O autor ainda esclarece que o ensino formal se dá



quando a educação se transforma em pedagogia, e esta, por sua vez, se concretiza em metodologias de ensino e didáticas, estabelecidas através de processos sistematizados e em locais próprios, concebidos para tal finalidade.

No contexto escolar, a educação não deve ser encarada como um processo imutável e definitivo. Como bem lembra Soares (2002), uma escola em processo é uma escola que se repensa, se reconstrói, se transforma. Onde o dinamismo não só deve estar presente, mas deve ser a base para a construção de uma educação orientada para inclusão.

Nessa perspectiva, muitos são os nomes listados por Brandão (2002) que explicam a mudança de uma pedagogia orientada no ensino para uma pedagogia focada na aprendizagem: “Educação humanista”, “pedagogia crítica”, “ensino centrado no aluno”, “educação permanente”, “educação libertadora”, “educação e direitos humanos”, “educação e desenvolvimento”, “educação popular”.

O objetivo central dessa mudança no foco da aprendizagem é reinventar a educação. Não somente permitindo o processo educacional, mas instigando a participação de todos na construção do saber a ser partilhado. Nesse sentido, Freire (1967) é categórico quando afirma que a educação tradicional dita ideias, ao invés de trocá-las. Que os educadores discursam aulas, não abrindo espaço para debate ou discussões sobre os temas, onde os educandos se tornam meros objetos passivos. A proposta do autor muito conhecida e debatida na área, tem por base uma educação onde o diálogo e a participação sejam predominantes.

Assim como Freire (1987) apresenta uma reflexão sobre o poder da educação na manutenção ou transformação da realidade, Brandão (2002) aponta que “um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar esses mesmos indivíduos, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos”.

Nesse contexto, o conteúdo direcionado aos diferentes públicos é o mesmo, mas a forma como ele é recebido quase sempre não o é. Seguindo essa conjuntura, Soares (2002) explica que ao tratar como iguais os que são socialmente desiguais, a instituição de ensino favorece os já privilegiados e prejudica os já desfavorecidos. Apresenta-se como um sistema neutro, que encobre sua função na manutenção das estruturas sociais vigentes.

Os indivíduos incorporam um conjunto de disposições que o fazem agir de acordo com a sua condição social, a isso Bourdieu e Passeron (1992) vão se referir como *habitus*. Aquilo que vai



ser passado ao indivíduo pelas suas próprias experiências, através da sua vivência em sociedade. Assim, sendo um ser social, o homem e seus comportamentos serão motivados pelo meio em que está inserido.

A educação está inclusa nesse conjunto e influenciará diretamente as práticas e escolhas desses sujeitos. A escola não é um espaço neutro, mas um campo social, que ao reproduzir o habitus dominante, o torna legítimo. Enquanto isso, as classes menos favorecidas têm seus habitus subjugados (Bourdieu e Passeron, 1992).

Diante dessas reflexões, Brandão (2002) faz uma crítica a forma como a educação foi tomada pelas classes dominantes, referindo-se também aos “sistemas pedagógicos” e as “leis do ensino”, que ditam as metodologias de ensino, o currículo, e a própria forma como regulamenta-se o processo, que é controlado por uma minoria. Mais que isso, a educação é usada como instrumento de poder que perpetua as desigualdades existentes.

Consolidando a análise dos autores, cada pessoa traz consigo uma educação, um conhecimento, uma cultura, uma experiência de vida, um contexto social específico. E ao chegar na escola, ela encontrará uma instituição que é uniformizada, onde o que é ensinado foi planejado e elaborado para entregar os sujeitos que a sociedade espera. Tal situação pode ser constatada quando todos os indivíduos são submetidos a um mesmo processo avaliativo, independentemente do nível de desenvolvimento que possuem.

Com base no que foi refletido, é possível perceber a perda do papel da escola como uma instância instigadora, capaz de transformar a realidade social, através da promoção da igualdade. E a cultura, ao influenciar a forma como se está, se ver e se existe no e com o mundo, ajudará nessa difícil missão de ressignificar o processo educativo.

### 3 Conceitos de Cultura

Em sua obra “Cultura: um conceito antropológico de cultura (2001)”, Roque de Barros Laraia explica como o conceito de Cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi desenvolvido historicamente pelo antropólogo britânico Edward Tylor (1832-1917). O autor conseguiu sintetizar as duas formas de pensamento acerca do desenvolvimento humano em sociedade. Uniu a palavra Kultur, de origem alemã, que “era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade” e o termo francês *Civilization*, que “referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”.



Já o vocábulo inglês “Culture” foi o responsável por unir essas duas concepções: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 2001, p. 28). Esse conceito presente na obra de Laraia (2001) serve de base para estudos antropológicos relacionados a diversidade presente na sociedade atual.

Partindo dessas premissas, busca-se compreender que a complexidade dessas abordagens do autor se refere à visão de que na cultura nada está isolado, sempre existirá uma relação entre os seus elementos. Além disso, o autor correlaciona com os aspectos da aprendizagem, ao afirmar que o homem adquire a cultura, e esse processo ocorre em sociedade, sendo o indivíduo um membro que faz parte desse todo.

Freire (1967), também aborda o conceito antropológico da cultura, ressaltando a sua dimensão humanista. Ele também evidencia a participação ativa do homem, ao inovar e transformar um mundo que não criou através da cultura. No texto, o autor utiliza a expressão “a cultura como o **acrescentamento** que o homem faz ao mundo” (p. 115, grifo nosso), o que remete a ideia da cultura como algo que agrega ao mundo natural.

No entanto, essa atuação não se dá de forma aleatória. Como aponta Laraia (2009), a visão de mundo do homem é condicionada pela cultura, ou seja, ela vai definir a forma como o universo é visto e vivenciado, como os valores e atitudes são perpassados dentro do campo onde o sujeito está inserido e, a partir dessas premissas, as decisões de transformação ou manutenção das ações são traçadas. Talvez esteja aí uma das formas de expressão do poder da cultura.

Esse conceito antropológico trazido por Laraia pode ser facilmente reforçado quando toma-se como base uma das análises de Brandão (2002), acerca da socialização na transformação do indivíduo biológico em uma pessoa social: essa ocorre através da socialização primária (com a família e vizinhos) e da socialização secundária (de um time de futebol organizado à escola) que passo a passo transforma o sujeito em parte integrante do sistema social.

Um outro aspecto trabalhado por Laraia (2001) é que a cultura não é estática, e está em contínua adaptação e reinvenção. A cultura é viva, é dinâmica, e apesar de ser única em cada grupo social, está aberta a influências. Sejam as mudanças culturais provocadas pelo próprio grupo, sejam aquelas provocadas externamente. Em sua discussão, Brandão (2002) expõe que a educação existiu e segue existindo refletindo diferentes valores culturais e políticos, e sua essência deve ser instrumento para a criação e consolidação de culturas que valorizem a diversidade do presente e do



futuro.

Bauman (2012) em sua obra “Ensaio sobre o conceito de cultura”, faz uma revisão sobre a definição de cultura em três ensaios. Para esse estudo considerou-se pertinente a sua abordagem da cultura como estrutura. Nesse contexto, serviria para normatizar a prática social, estabelecendo ordem, reduzindo as possibilidades de atuação dos seres humanos, estabelecendo fronteiras e tornando previsível sua atuação.

Para além, em seu terceiro ensaio, o autor aborda a cultura como práxis humana, onde “o conceito de cultura é a subjetividade objetificada; é um esforço para compreender o modo como uma ação individual é capaz de possuir uma validade supraindividual; e como a realidade dura e consistente existe por meio de uma multiplicidade de interações individuais” (Bauman, 2012, p. 182).

Na primeira parte da definição trazida pelo sociólogo, percebe-se como os aspectos internos do indivíduo podem assumir uma forma concreta, se materializando no mundo. Em seguida, esses objetos ultrapassam os limites do indivíduo, podendo gerar significado para outras pessoas. Dessa forma, integrando o sujeito e a sociedade. E por fim, a cultura é descrita como sendo algo que só existe a partir de convenções já estabelecidas e apresentadas, mas que ao mesmo tempo, se sustenta através de ações individuais.

Bauman (2012, p. 182) ressalta que “vista em suas características mais gerais e universais, a práxis humana consiste em transformar o caos em ordem, ou em substituir uma ordem por outra”. Através da cultura, o homem não só cria, mas transforma sua realidade, na qual “a humanidade é o único projeto conhecido que visa a ultrapassar o plano da mera existência, transcender os domínios do determinismo, subordinar o é ao deve ser.” (Bauman, 2012, p. 139). O indivíduo se coloca como protagonista, não se conformando apenas com o existir dentro da realidade que lhe é imposta. Seguindo como base seus princípios, valores e ideais, transformadores da sociedade.

Ainda no âmbito dessa temática, Paulo Freire traz o conceito de práxis humana no contexto da educação: “a práxis é a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p. 84), ressaltando a necessidade de existir uma junção entre o pensar de forma crítica e o agir de forma consciente e efetiva, na qual a cultura seria o fruto desse diálogo e do que é gerado a partir dele.

Sua abordagem se assemelha a trazida por Bauman (2012), mesmo partindo de diferentes concepções. É possível extrair que para ambos o poder transformador da cultura é latente. Freire



(1987) complementa a análise afirmando que a cultura está fortemente relacionada à disposição do homem em transformar a realidade ao seu redor, e ao interferir no mundo, enquanto agente atuante, o humano cria a cultura.

Assim, os indivíduos são seres suscetíveis a cultura, e a maioria das suas ações são realizadas em função da mesma. Logo, o que repete-se em relacionamentos e em práticas diárias são influenciadas por um traço cultural peculiar da sociedade. Laraia (2001), ao tratar do relativismo cultural explica que cada cultura faz sentido para seus integrantes. Isso pode ser facilmente percebido através da diversidade de culturas existentes no Brasil, como bem aponta Brandão (2002), os indivíduos falam a mesma língua, mas não do mesmo modo. Essa distinção cultural pode também torna-los desiguais, ao sobrepor uma cultura a outra.

Cada pessoa é detentora de uma unidade biológica, mas através da cultura nos tornamos diversos. Laraia (2001) exalta a comunicação como parte fundamental nesse processo de transformação de uma sociedade excludente em uma sociedade para todos. “Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (Laraia, 2001, p. 56), assim, toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais através do processo comunicativo, originando um eterno processo de acumulação.

Brandão (2002) traz em sua obra uma síntese a respeito do que é cultura com base no livro de Laraia, que já havia retomado as ideias do antropólogo americano Alfred Kroeber (1876-1960). Para o presente estudo, alguns dos aspectos apontados merecem destaque para a relação cultura e educação no tópico seguinte. O primeiro se refere ao fato da cultura determinar o comportamento do homem, e esse agir de acordo com os padrões culturais existentes. O segundo diz respeito a capacidade do homem em conscientemente transformar o meio em que vive de acordo com as suas necessidades. O terceiro e último está relacionado a dependência do seu conhecimento, da acumulação de saber e do aprendizado.

Nesse sentido, a cultura constitui um dos elementos necessários aos seres humanos para a sua construção e o seu rompimento com a barreira biológica, e a consequente transformação em um ser social. Na qual suas educações contribuirão no processo de formação e aprendizagem, inseridos na formação de um ciclo permanente, onde os conceitos abordados se somam: a cultura influencia nas práticas educativas, e a educação, por sua vez, reproduz e transforma a cultura.



## 4 Interações entre Educação e Cultura

Em sua obra, Brandão (2002, p. 10) traz a ideia que “a casa do saber é a cultura, mas o seu escritório (e talvez também a sua sala de jantar e o seu jardim) é a escola”. Essa metáfora contribui para a compreensão da relação entre educação e cultura. Nessa perspectiva, todo o saber do homem reside na cultura, e a educação (trazido no trecho da obra na sua forma sistematizada, como escola) reproduz e transforma o conhecimento.

Brandão (2002) trata do aspecto individual e coletivo da educação, onde ninguém ensina ninguém, porque o aprender é sempre um processo interno. O autor afirma também que “ninguém se educa sozinho, pois o que eu aprendo ao ler ou ao ouvir, provém de saberes e sentidos de outras pessoas. Chega a mim através de trocas, de reciprocidades, de interações com outras pessoas” (Brandão, 2002). Portanto, é através das trocas e interações que é construído o saber, por meio do processo de socialização ou endoculturação.

Partindo dessas premissas, é na integração social que se deve entender que não existe cultura superior ou inferior, mas existem culturas que são diferentes. É preciso reconhecer e aceitar essa diversidade como um valor positivo dentro de uma sociedade pluralista. Além disso, a forma como a diversidade cultural é apreendida pode assumir diferentes formas.

Para os autores Bourdieu e Passeron (2014), os filhos das classes altas adquirem a cultura automaticamente graças ao campo em que estão situados. Enquanto que os filhos das classes sociais menos favorecidas, a adquirem com o apoio da comunicação em massa, onde toda a aprendizagem é vivida artificialmente, devido o distanciamento da realidade vivenciada por eles.

Nesse contexto, a educação entraria em cena como uma via de acesso e transformação da cultura. No qual o conceito de cultura seria estrutural, pois ela é a base da sociedade, e ao mesmo tempo, como estruturante das relações de sociabilidade e da forma com que se lida com a realidade, remetendo-se ao conceito de habitus trabalhado por Bourdieu (2003). O que contribui para compreensão de como as desigualdades sociais estão presentes e se reproduzem no campo escolar.

No campo das interações sociais, os seres humanos dispõem de diferentes recursos, definidos e agrupados pelo autor em três diferentes tipos de capitais. O primeiro capital, o econômico, associado a rendas, condições materiais, ao acesso a bens e serviços. O segundo capital, o social, que é composto basicamente das redes de contatos que esse indivíduo possui, os relacionamentos próximos, as pessoas que estão ali circundando o sujeito e que vão ter uma



influência bastante significativa na sua formação (Bourdieu, 2003).

E por fim, o capital cultural que envolve os gostos, a língua, a cultura geral que aquele indivíduo adquire e um conjunto de recursos, os quais são competências que estão disponíveis. Estes passíveis de movimentação. A postura dos indivíduos diante da sociedade dominante, detentora também de uma cultura dominante, vai ser determinante para o alcance de seus objetivos.

Dentro dessa perspectiva, as instituições educacionais reconhecem e legitimam certas formas de capital cultural, enquanto outras formas são desvalorizadas (Bourdieu e Passeron, 2015). O uso adequado desses capitais pode contribuir diretamente na formação dos indivíduos, impactando diretamente nas oportunidades que surgem e podem ser aproveitadas para o seu sucesso. Por conseguinte, o capital cultural vai ser fundamental dentro do processo escolar.

Com base nessa premissa, torna-se necessário a adoção de mudanças no sistema educacional. Ao abordar a proposta de reinvenção da educação trabalhada por Freire, Brandão (2002) ressalta que o mais importante nesta expressão é o uso da palavra reinventar. A reflexão traz a ideia de que a educação é uma invenção humana, passível de mudanças, podendo ser refeita de vários modos. O autor ressalta ainda que as pessoas são um produto da educação, mas que antes de se tornarem frutos recriados a partir dessa educação, são sujeitos que constroem as bases desse processo. E é nessa interatividade que ocorre o entrelaçamento entre a educação e a cultura, sendo capaz de construir uma educação emancipadora.

A herança cultural do sujeito, desenvolvida através de várias gerações, o condiciona a proceder pejorativamente em relação ao comportamento dos demais que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da sociedade (Laraia, 2001). Em decorrência disso, ocorre a discriminação do comportamento dos que desviam dos sentidos estabelecidos. Assim, depreende-se como a cultura é capaz de condicionar a visão de mundo e o comportamento social dos indivíduos.

Laraia (2001), ao trabalhar o conceito de endoculturação e o determinismo biológico, explica que um menino e uma menina agem de maneiras diferentes não em função de seus hormônios (aspecto biológico), mas em decorrência de uma educação diferenciada (interação com o ambiente e a cultura presente nele). Reforçando a ideia da existência de um processo de aprendizagem cultural permanente, que inicia desde o nascimento e vai até o final da vida dos indivíduos.

E essa aprendizagem continuada não é tomada sem sentido. Ao diferenciar os homens dos demais animais, Freire (1987) ressalta que somente o homem tem a capacidade de se distanciar da



atividade para objetivá-las, com suas ações produzindo sentido, cultura, e o ambiente é então modificado, permitindo que sua história seja então construída. Não de forma isolada, mas compostas por relações entre o homem com outros homens, e do homem com o mundo.

Em suma, é através da educação que a cultura é transmitida e transformada. Desse modo, a cultura se constitui como um dos elementos no processo educativo, atribuindo a este um sentido. Nessa interdisciplinaridade, é possível perceber que ambas se carregam dentro de si, o que as tornam mutuamente inseparáveis, sendo o indivíduo produto de uma e produtor de outra.

## Considerações Finais

Brandão (2002) explica que a educação está difusa em todos os mundos sociais: da família à comunidade, entre as inúmeras práticas dos segredos do ensinar-e-aprender. No início da jornada do homem, ela não tem classes de alunos, não tem livros ou professores especialistas. Ao avançar, em uma evolução que é inerente ao ser humano, estará em escolas, e entre salas-de-aulas, professores, pedagogias, sistemas de ensino e métodos pedagógicos e didáticos.

Nesse sentido, a escola, para uma grande maioria, é a única via de acesso à cultura, sendo a instituição que deve atuar na transformação e democratização da sociedade. No Brasil, a educação é um direito reconhecido constitucionalmente, que deve ser garantido a todos, sem distinção, assim, torna-se um grande desafio superar as diferenças de origem daqueles que ingressam no sistema de ensino.

Soares (2002) é incisiva ao apontar que um dos principais objetivos da escola deve ser criar condições para que todos os alunos tenham acesso aos conhecimentos, então conseguirá formar indivíduos críticos, detentores não somente de conhecimento, mas de consciência. Esta última, balizará suas ações dentro do campo onde vive.

Nas escolas, o indivíduo não deve ser visto apenas como um sujeito genérico, abstrato, vazio, a ser preenchido. Pelo contrário, toda a sua história deve ser levada em consideração. E esse conteúdo, a que Bourdieu (2014) se refere como capital cultural, adquirido ao longo da vida, não deve ser ignorado, pois é através da educação que esse capital, distribuído de maneira desproporcional, conseguirá alcançar todas as camadas da sociedade.

Ao entender o conceito antropológico de cultura através da obra de Laraia (2001) como algo aprendido, pode-se extrair que as estruturas socialmente construídas podem coagir o indivíduo,



ou seja, os indivíduos podem ser condicionados a agir pelas estruturas sociais. Dessa forma, é possível moldar suas ações direcionando-o a inclusão, contribuindo assim, para a construção de uma educação que respeita a diversidade, garantindo um ensino democrático e emancipador.

Nesse sentido, a cultura transcende o indivíduo e possui dinâmica própria, como destaca Laraia (2001), que traz a versatilidade da cultura como uma das suas principais características. Assim, qualquer sistema cultural encontra-se num sucessivo processo de transformação. Dessa forma, é possível perceber como uma sociedade discriminatória pode tornar-se inclusiva através da mudança dos comportamentos que são determinados pela cultura.

Para tanto, deve-se estabelecer um diálogo que permita a construção de uma educação inclusiva através da cultura, empregada com um foco plural de trabalho nas instituições, para que elas possam transformar a realidade. Nesse momento torna-se perceptível o poder da cultura e sua capacidade de transformação da educação, que não somente reproduzirá, mas transformará as culturas existentes.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**.  
Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Reprodução cultural e reprodução social**. In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectivas, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



# SIMEDUC

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação  
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: 24.ed. Zahar, 2009.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.